

O vencedor em cadeias
Homilia do Arcebispo Emérito Dr. Roberto Zollitsch,
pelo centenário de nascimento do beato Karl Leisner.
Igreja da Adoração – Schoenstatt, 4 de março de 2015, às 19h30

Leituras: Gn 32,25-30; Evangelho: Jo 12,20-26.

Durante a vigília pascal do ano de 1938, Karl Leisner entrega seu diário a seu amigo e dirigente de grupo, Heinrich Tenhumberg, pedindo-lhe que escrevesse algo ali. Fico me perguntando: o que eu teria escrito no diário desse seminarista de 23 anos, conhecendo sua personalidade tão dinâmica e seu dedicado compromisso com Jesus Cristo e os jovens? O mais provável é que teria escrito as mesmas palavras que Santo Inácio de Loyola compartilhava com seus companheiros, aquelas que muitos de nós também escutamos do Padre Kentenich, na despedida de Milwaukee: *'Ite, incendite mundum – Ide e incendiai o mundo'*; com certeza, Heirinch Tenhumberg escreveu algo muito diferente: 'Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, ficará só; se morrer, produzirá muitos frutos' (Jo 12, 24). Parece-me como se, naquela noite de Páscoa, o futuro bispo tivesse pressentido profeticamente o que para Karl Leisner seria seu último desafio. Uma vez que a tensão entre a luta por Deus e com Deus e sua morte como grão de trigo consumiram-se na vida de Karl Leisner".

I.

Já desde muito jovem, um fogo ardia em seu coração; ardia por Jesus Cristo e lhe animava a transmitir esse fogo para acender o coração de outros por Cristo, especialmente o coração dos jovens. Ele se entregava com paixão por sua fé católica. Primeiro, como dirigente de grupo de distrito e depois de toda a diocese; organizava acampamentos e excursões. Ele ia de bicicleta ou de carona, chegando mais além das fronteiras – até Roma.

Tudo isso fez por amor ao seu Mestre. Ao terminar o encontro de estudantes em Schoenstatt, em 1933, escreveu em seu diário: "quero ser como Parzival, um cavaleiro alegre e incendiado por Deus"¹. Durante o retiro espiritual, depois do encontro, Karl Leisner assim definiu seu ideal pessoal: "Cristo – tu és minha paixão". Esse ideal o encaminhou e assim, dois anos mais tarde e em retrospectiva, considerou esse retiro como seu ponto de partida para o "apostolado com a juventude" (Diário 28/07/35).

Para um jovem que ardia assim por Cristo, a tomada de poder de Hitler significava um enorme desafio. Agora, cabia a ele. O jovem de 19 anos, líder do grupo de jovens da diocese, reconhece-se diretamente escolhido por Deus: "Em frente! Tu és quem deves conduzir meus jovens" (Diário 12/9/34). Ele não sentiu medo e respondeu: "Te prometo... solenemente: Senhor, Deus Todo-Poderoso, ser teu instrumento; ... Todas as minhas forças te pertencem, a partir deste momento... O povo alemão deve ser novamente um povo cristão, católico" (Diário 12/9/34). Ele sabe e diz: "O tempo assim te exige!" (Diário 17/2/39). "É a santa vontade de Deus... por isso, em frente, com santa coragem!" (Diário 1/5/34).

Karl Leisner não escolheu seu tempo, nem tampouco perdeu tempo com reclamações ou queixas. Enfrentou os desafios que lhe surgiam e cumpriu ativamente as tarefas. Ele não queria ser um nazista, nem também queria ficar sentado, sem fazer nada. Ele se reconheceu como um guerreiro chamado por Deus e para sua causa".

¹ Diário, citação em 27.6.1933

Aquele que Deus coloca em Suas mãos, nunca mais o solta. Quanto mais Karl Leisner se compromete por Cristo, mais incessante é seu caminhar e mais claro o seu sentir: “Deus não quer apenas meu trabalho, não apenas meu compromisso. Ele me quer a mim”. Karl não pode mais evitar essa pergunta e luta para respondê-la. E essa será a luta existencial mais dura de sua vida. Aquele que luta por Deus é também aquele que luta junto com Deus, como o profeta Jacó no Antigo Testamento.

Karl escuta o chamado de Deus, de se lhe entregar completamente e de servi-lo como sacerdote. Com seu ingresso no seminário Borromaeum, em Münster, em 1934, tudo parece estar claro para ele: “Assim que é a santa vontade de Deus que eu... comece os estudos de teologia... Deus, por ti, meu futuro, minha vida, minha profissão” (Diário 1/5/34). A vocação é um dom, mas não é algo que simplesmente cai do céu; Karl sentiu exatamente isso. O chamado de Deus sempre espera uma resposta por parte dos homens. Isso quer dizer que cabe a nós, de maneira ativa, fazer com que essa vocação seja algo próprio. E aqui se inicia a luta, a luta com Deus. Karl reconhece que quer ser sacerdote mas, ao mesmo tempo, se pergunta como seria servir como homem unido a uma mulher por amor e formar uma família. Assim se debate entre dois ideais fascinantes. Sente-se “enfermo no mais profundo de seu coração” (Diário 17/5/37): “Em meu interior, existe uma luta mortal entre o amor a Deus em uma vida como sacerdote e ser levado a unir-me em aliança matrimonial. Minha alma está doente e revoltada até as profundidades mais obscuras e secretas do coração. Onde tu me queres?” (Diário 07/07/38).

Nessa situação, Karl toma uma decisão determinante: chama Deus e lhe pergunta aonde Ele o quer. Pondo-se totalmente diante de Deus, não apenas faz a pergunta e o pedido; também lhe mostra seu sofrimento e sua reivindicação: “Deus, tu és meu amigo? Tu, Deus Poderoso, misterioso e oculto... Posso, hoje, colocar meu coração diante de ti?... Eu creio em ti e em tuas ordens sagradas; porém, não consigo vê-las” (Diário 20/01/39). Com sua reivindicação diante de Deus, abre o seu coração e acrescenta sua fé. O clamor que parte da obscuridade se converte em oração. Porque ele confia que Deus nunca abandona os seres humanos. Inclusive durante esse momento azarado, diz a si mesmo: “Deus nunca se despediu completamente de ti. Seus pensamentos permanecem sempre contigo” (Diário 08/05/38).

Jacó, que às margens do rio Jacó não se furtou da luta com Deus, é para Israel um guerreiro de Deus” (Gn 32,23-33). Karl Leisner não foge do conflito pelo chamado de Deus, nem foge da luta interna, nem da confrontação desesperadora. Como Paulo em Damasco, pergunta: “Senhor, o que devo fazer?” (At 22,10) e ele encontra a resposta. Porque ele sabe que não se trata de encontrar seu próprio bem-estar. Trata-se de Deus, seu chamado e sua missão. Então, Karl toma uma decisão clara e definitiva. “Fiz minha promessa. *Fiat mihi secundum verbum tuum! Ecce - Servus Domini*” [Faça-se em mim segundo tua palavra. Eis aqui o servo do Senhor] (Diário 05/02/38). “O tempo assim te exige!” (Diário 17/2/39).

Durante esse enfrentamento duro e quase extenuante, Karl tornou-se forte diante de Jesus Cristo; antes de sua ordenação sacerdotal, em fevereiro de 1939, confessa: “Uma vez escrevi meu ideal juvenil: Cristo, minha paixão. Hoje escrevo – tremendamente consciente, claramente: Jesus Cristo, meu amor, meu tudo. Eu te pertença por completo e por inteiro! Assim seja!” (Diário 05/02/39). Assim, depois de uma luta agonizante, pôde dizer, resolutamente: “Dou meu sim ao chamado e ao pedido de Cristo... Quero ser teu sacerdote... Aonde me puseres, aí quero estar” (Diário 06/04/38).

II.

Foi uma longa luta entre Karl e Deus, uma longa e difícil luta pelo seu sim definitivo ao chamado para o sacerdócio. Em retrospectiva, ele se torna cada vez mais consciente da forma pela qual foi conduzido pela Mãe de Deus e da imensa fonte de energia que o Santuário de Schoenstatt significa para ele. Em abril de 1933, Karl tem sua primeira estadia em Schoenstatt, onde participa de um encontro de estudantes e de um retiro espiritual. Lutou buscando seu ideal pessoal e tomou a decisão durante a ordem espiritual do dia. Dois anos mais tarde, comprovará: “o maravilhoso retiro em Schoenstatt (foi) meu ponto de partida para o apostolado com a juventude” (Diário 07/02/35). Inclusive no dia de sua ordenação como diácono, lembra com gratidão “o maravilhoso retiro em Schoenstatt, ao qual devo tanta graça”².

“Nunca me esqueci daqueles dias em Schoenstatt nos quais, aos pés da Mãe de Deus, se iniciou a grande batalha entre o amor e a profissão. Foi tremendo” (Diário 31/12/37). Sentiu também a orientação da Mãe de Deus: “Foi assim: sempre o amor da Mãe de Deus, essa Virgem santa e bondosa, se pôs como instrumento para este seu schoenstattiano, para me guiar rumo ao meu próprio eu, rumo ao mais alto ideal, aquele que arde em meu coração: ser sacerdote de seu Filho Jesus Cristo” (Diário 5/4/38).

O Santuário da Mater Ter Admirabilis tornou-se seu lar, seu lugar de meditação e sua fonte de forças. Assim, quando se encontrava a caminho do hospital para tratamento de doenças do pulmão, em S. Blasien, uma cidade na selva negra (4/6/1939), fez uma parada em Schoenstatt para rezar na Capela. Três meses mais tarde, escreve em uma carta a respeito do fruto dessa visita: “quando vejo tudo muito obscuro, então me ajoelho (espiritualmente) na Capela e peço como uma criança a proteção materna e poderosa da Mãe de Deus. A visita à Mãe de Deus durante minha viagem representa plenamente o mais profundo daqueles dias”³.

A veneração à Virgem Maria é algo muito evidente e natural para Karl, desde sua infância. Peregrinou à cidade de Kevelaer (em 29/10/37), onde abriu seu coração à Virgem *Consolatrix Afflictorum* – Consoladora dos Aflitos. “*Servus Mariae nunquam, peribit*” será o lema para sua primeira missa como sacerdote em Dachau. A frase “*Mater perfectam curam*” lhe dá força. Assim ele fala com a Virgem “*Fiat mihi secundum verbum tuum*” e pede à sua “adorada Mãe” que interceda por ele junto a seu Filho, para que este lhe presenteie “o sim incondicional à vontade de Deus” (Diário 29/10/37). Quando ingressou no seminário, na última fase de formação antes de ser sacerdote, escreveu: “Assim quero então, confiando no Senhor Deus, agradecido pela orientação bondosa que me proporcionou de maneira especial, por meio de sua Santa Mãe, por me arriscar a dar este grande passo em minha vida” (Diário 7/12/37). Para Karl, Maria se tornou aquela que o ajuda, aquela que o educa, aquela em quem confia e por quem se sente guiado. Confiando na ajuda de Maria e com o “*Mater perfectam curam*” nos lábios e no coração, inicia seu caminho para a prisão e depois para o campo de concentração.

Deus aceita sua decisão e novamente coloca em prova sua confiança. Meio ano antes da tão desejada ordenação sacerdotal, Karl adoece, apresenta tuberculose pulmonar. Seu futuro é incerto. Em sua viagem ao hospital de S. Blasien, interrompe sua viagem em Schoenstatt para se colocar totalmente nas mãos da MTA. Em um ato suplicante, ajoelha-se diante dela e como uma alternativa dramática de radicalismo final, lhe pergunta: “Mãe celestial, me coloco totalmente em tuas mãos” (Diário 4/6/39)⁴. Antes de as Irmãs de Maria e os sacerdotes de Schoenstatt selarem a consagração de Carta Branca, em 18 de outubro de 1939, jubileu pelos vinte e cinco anos de Schoenstatt, Karl Leisner terá resposta para essa pergunta.

² Carta ao Pe. Josef Verweegen SAC em 25/3/1939

³ Carta de 23/9/39 ao capelão Burdewick

⁴ Otto Pies, hoje Stephanus, Kevelaer 1951, 97

III.

Karl tinha se decidido, tinha se decidido totalmente. Para sua ordenação como subdiácono (em 4/3/39), comprovou: “O desalento e a tentação se foram. O sacrifício de vida será conduzido na força e nas graças de Deus e na coragem do coração aberto que se oferece ao amor ardente de Deus” (Diário 4/3/39). Cheio de alegria, gratidão e desapego, ordena-se como diácono no dia da Festa da Anunciação. Nesse mesmo ano, precisa ser realizada sua ordenação como sacerdote.

Porém, tudo acontecia de forma diferente. Com o deflagrar da guerra mundial, o bispo postergou a ordenação para o dia 23 de setembro. Entretanto, Karl, que espiritualmente consumava-se no hospital para tratamento do pulmão, não pôde estar presente. Não passariam meses, mas sim cinco longos anos, até que, no terceiro domingo do Advento de 1934, foi ordenado sacerdote, mesmo estando prisioneiro no campo de concentração de Dachau. No dia da festa de Santo Estêvão, celebraria sua primeira missa, missa essa que seria a primeira e única em toda sua vida.

Esse jovem que ardia por Cristo, Aquele que com tanta força e com sua alma lutou por sua decisão, atingiu a meta, ainda que de uma forma muito diferente do que tinha imaginado. Deus, porém, tinha-o preparado para isso e o tinha guiado desde há muito tempo.

Deus pôs suas mãos sobre Karl e nunca o deixou. Ele acendeu um fogo em seu coração, um fogo que nunca se extingue. Pleno desse fogo, assim pronunciou aos seus poucos 16 anos: “ou santo, ou vilão”⁵. Quando tomou a decisão definitiva por sua vocação sacerdotal, tomou-a no sentido de “a última entrega” e “com profunda confiança” (Diário 24/10/37).

Como rito de ordenação daquele tempo, o bispo impôs aos candidatos à ordenação sua tarefa: “*Sacerdotem oportet offerre*” – a tarefa de um sacerdote é oferecer oferendas. O grupo de Karl Leisner, em Münster, fez dessa frase o ideal do grupo e, em 18 de outubro de 1939, assim rezaram juntos: “Deixai-nos viver sob a lei: *Sacerdotem oportet offerre*”⁶. Quando lhes chegou a notícia de que a Gestapo tinha capturado Karl em S. Blasien e o haviam levado para uma prisão em Friburgo, o grupo completou a frase de seu ideal: *sacerdotem oportet offerre et offeri* – a tarefa de um sacerdote é oferecer oferendas e oferecer-se. “O sacerdote deve oferecer oferenda e oferenda de si mesmo, se quer ser imagem de Cristo”⁷.

Essa declaração tão profundamente condutora não era algo estranho para Karl, especialmente porque o nacional-socialismo lhe provocou até o último. Assim escreveu em seu diário, duas semanas antes de sua ordenação como subdiácono: “O tempo assim te exige!; trata-se do último mistério em ti e este te leva ao altar, como holocausto (sacrifício total) pelos outros, pelo povo alemão” (Diário 17/2/39). Em 18 de outubro de 1939, as Irmãs de Maria e os sacerdotes de Schoenstatt foram convidados a renovar sua consagração à Mãe de Deus com o espírito da Carta Branca, celebrando os vinte e cinco anos de Schoenstatt. Karl Leisner e seu grupo fizeram essa consagração⁸ e muitas circunstâncias depois o lembrariam desse ato. Ele

⁵ Retiro espiritual em Gerleve, 5 – 9/9/31

⁶ Hermann Gebert, *Historia de una vocación*, Vallendar², 2010, 114

⁷ Carta do capelão Bernhard Burdewick, de 16/12/39, no livro: Hermann Gebert, *Historia de una vocación*, Vallendar², 2010, 114

⁸ Inspiração em Hermann Gebert, *Historia de una vocación*, Vallendar², 2010, 97

selou sua “Carta Branca”⁹ e a levou a Deus como último sacrifício. Inclusive no inferno de Dachau, Karl não tinha dúvidas “no espírito de Carta Branca que permanece”¹⁰.

No fim, Karl Leisner viveu o inferno de Dachau, ou seja, a libertação. Porém, ele já vivia em outra liberdade ainda maior e Deus aceitou sua oferenda como holocausto. Inclusive na maior necessidade e durante as dificuldades mais difíceis, nunca perdeu de vista o passo seguinte: o dia da Páscoa. Sem se importar com quanto humilhante e doloroso tinha sido o dia, a certeza de sua última vitória, a vitória da Páscoa, o sustentava. Por isso que os sacerdotes do grupo de Schoenstatt, ao qual ele pertencia em Dachau, desenharam como imagem para sua primeira missa: Umas mãos presas que se abrem para o alto, para a coroa: *Victor in vinculis* – vencedor em cadeias¹¹. Karl Leisner venceu. O grão de trigo que caiu na terra dá fruto.

Estaremos suficientemente conscientes do dom que Deus nos deu com Karl Leisner e sua mensagem profética? Ele é o primeiro de nossa família schoenstattiana mundial que se apresenta aos nossos olhos como santo. O Papa João Paulo II, durante sua visita à Alemanha, em um encontro em Fulda, o incorporou como modelo sacerdotal para os sacerdotes e seminaristas. Em Estrasburgo, em 1988, o apresentou para a juventude europeia como exemplo a seguir. René Lejeune assim dedicou em seu livro da biografia de Karl Leisner: “Aos jovens da Europa, à juventude de todo o mundo (e) aos sacerdotes que surgirão deles”¹². Estou convencido de que com a vida e a luta de Karl Leisner, com sua batalha e com sua oferenda como holocausto, recebemos um santo fascinante como presente; com sua pessoa, um tesouro que devemos conservar: para a juventude, para os sacerdotes, para nossa família em todo o mundo. Agradecemos, Deus, por Karl Leisner. Deixemo-nos incendiar por seu fogo!

Original em alemão. Tradução para o Português: Maria Rita Fanelli Vianna - São Paulo / Brasil

⁹ Carta de 15/2/39

¹⁰ Carta de 6/4/41, inspirada também na carta de 15/12/39

¹¹ René Lejeune, *De como el oro se purifica en el fuego*, Hauteville 1991, 258 f; Arnaud Join-Lambert, *Completo e indiviso*, Vallendar 2010, 174f; Hermann Gebert, *Historia de una vocación*, Vallendar², 2010, 148f

¹² René Lejeune, *De como el oro se purifica en el fuego*, Hauteville 1001, 4